

Eixo Temático: Organização e Gestão da Educação Básica e Superior

Categoria: Formação de Professores

PNAIC: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A GARANTIA DE UMA ALFABETIZAÇÃO DE SUCESSO

Maira Gledi Freitas Kelling Machado – UFSC

Teresinha Staub – UFSC

Resumo

O relato de experiência que aqui se apresenta surge da nossa participação como formadora e orientadora de estudos do PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – que teve início no ano de 2013. Elaborado e desenvolvido pelo Ministério da Educação do Brasil, em parceria com os governos estaduais e municipais, o PNAIC tem por objetivo assegurar que todas as crianças sejam alfabetizadas nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Para tanto, as ações desenvolvidas nessa proposta formam um conjunto integrado de programas, materiais didáticos e referências curriculares e pedagógicas disponibilizados pelo MEC que contribuem para a alfabetização e o letramento, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores. Este trabalho apresenta informações relevantes nos relatórios completos da Orientadora de Estudos do município de São João do Oeste – SC, resultado da formação continuada realizada com os alfabetizadores desse município, trabalho este, orientado pela formadora e orientadora de estudos do PNAIC, no polo de Treze Tílias. Conforme relatos dos professores alfabetizadores, a formação do PNAIC é considerada relevante, pois a partir da reflexividade, tem facilitado as trocas de experiências entre os professores tornando a aula mais atrativa, criativa, fazendo a diferença na sala de aula. As atividades e temas desenvolvidos no curso proporcionaram ao professor uma mudança de atitude e prática em sala de aula. Finalizando o primeiro ano de formação, já é possível evidenciar o quanto a formação do PNAIC tem mobilizado os professores da educação básica.

Palavras-Chave: PNAIC. Formação de Professores. Alfabetização.

Introdução

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) tem como objetivo assegurar que todas as crianças estejam plenamente alfabetizadas ao final dos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Para tanto, as ações desenvolvidas nessa proposta formam um conjunto integrado de programas, materiais didáticos e referências curriculares e pedagógicas disponibilizados pelo MEC que contribuem para a alfabetização e o letramento, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores.

O Ministério da Educação (MEC) e as universidades federais tem importante contribuição para subsidiar uma formação continuada desse porte em todo o país, pois de acordo com dados do MEC, a média nacional de crianças brasileiras não alfabetizadas aos 8 anos é de 15,2%, mas há Estados em situação mais grave. A taxa de crianças não alfabetizadas no Maranhão é de 34%, a de Alagoas, de 35%. As regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste têm índices melhores. O Paraná tem a menor taxa do País, de 4,9%. Nosso Estado de Santa Catarina registra 5,1% de crianças não alfabetizadas. O Brasil tem hoje quase 8 milhões de crianças entre 6 e 8 anos de idade matriculadas em 108 mil escolas distribuídas em todo território nacional.

Nesse sentido, estamos vivendo momentos de reflexões sobre a alfabetização para a busca de qualidade nesse segmento com a formação do PNAIC, pois a partir de 2013 já se consegue vislumbrar avanços significativos que tem contribuído para aperfeiçoar a prática pedagógica dos alfabetizadores de todo país.

A cada encontro de formação, tanto na formação de orientadores de estudos, quanto na formação desenvolvida com os alfabetizadores no município, de São João do Oeste, foram abordadas temáticas, estabelecidas pelo programa de formação, dentre elas, podemos citar as mais relevantes: planejamento e organização do trabalho pedagógico, projetos de letramento e sequências didáticas, gêneros textuais e avaliação.

Esses temas proporcionaram, além do aprendizado, oportunidade de reflexão sobre a prática alfabetizadora, pois, como fruto do trabalho desenvolvido por eles, professores que alfabetizam, é de suma importância, que a criança tenha acesso aos diferentes gêneros e suportes textuais e que o professor desenvolva ações voltadas ao debate sobre os direitos de aprendizagem, processo de avaliação e acompanhamento, planejamento das situações didáticas e o uso dos materiais distribuídos pelo MEC.

Como cumprimento de tarefas ao programa de formação, cada orientadora de estudos deveria encaminhar para a formadora um relatório completo do mês de formação ocorrido com os alfabetizadores em seus municípios. Nestes relatórios, as orientadoras de estudos deveriam detalhar, uma após a outra, as atividades realizadas com os alfabetizadores, registrando aspectos positivos e negativos do trabalho proposto e desenvolvido durante o mês de formação. Também deveriam anexar as atividades solicitadas em cada um dos encontros e as fichas de presença dos alfabetizadores correspondentes a cada encontro realizado ao longo do ano. Cada orientadora de estudos entregou para a formadora 5 relatórios completos, cada relatório, contém relatos de 2 a 3 meses de formação.

O relato de experiência que aqui se apresenta busca informações relevantes nos relatórios completos da Orientadora de Estudos do município de São João do Oeste – SC, resultado do trabalho de formação continuada realizado com os alfabetizadores desse município, trabalho este, orientado pela formadora e orientadora de estudos do PNAIC, ocorrido ao longo de 2013, no polo de Treze Tílias, do qual participavam¹ 52 municípios do Oeste e Extremo – Oeste de Santa Catarina.

Encaminhamentos da formação continuada dos alfabetizadores

O município de São João do Oeste desenvolve ações para manter o padrão de qualidade na educação em todos os seus aspectos, visando assegurar a formação plena do educando desde o início de sua vida escolar, porque entendem que o processo de alfabetizar, não é apenas ensinar a ler e escrever, mas também a interpretar, compreender, produzir bons textos e calcular.

A formação continuada do PNAIC, desenvolvida pela Orientadora de Estudos, contou também com a participação da Coordenadora Local, 9 professores alfabetizadores e mais 14 professores que atuam em outros anos da etapa do ensino fundamental. Os trabalhos tiveram

¹ A configuração do polo foi alterada em 2014.

início ainda no mês de fevereiro de 2013, e a preocupação da Secretaria de Educação foi de enaltecer a importância desse programa e o compromisso que o município tem em alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade e, que cada professor terá uma grande responsabilidade na condução dos trabalhos pedagógicos para que realmente aconteça a efetiva alfabetização, garantindo que a criança, ao final desse ciclo, saiba ler, escrever, interpretar e calcular com eficiência.

Com o propósito de fortalecer o compromisso de todo o grupo de formação, e enfatizar a finalidade da escola em garantir a apropriação dos conhecimentos necessários à leitura e a escrita das crianças até os oito anos de idade, fica claro o desafio e a necessidade de inseri-los em situações de contato com a leitura e escrita, proporcionando momentos de avaliação diagnóstica, respeitando as diferenças e as singularidades de cada criança, buscando um currículo inclusivo.

Uma das primeiras temáticas abordadas na formação com os alfabetizadores foi a “avaliação diagnóstica”. A partir disso, constatou-se que a avaliação visa gerar informações para que professores e alunos possam refletir e criar estratégias de superação dos seus limites e ampliar suas possibilidades sobre cada eixo da língua que fora trabalhado. Ao conhecer as formas pelas quais as crianças aprendem, o professor poderá planejar melhor a sua intervenção pedagógica, pois mapear a reação da criança à intervenção docente é a razão de ser do processo avaliativo em sala de aula, considerando os percursos diferenciados.

Com a avaliação diagnóstica é possível acompanhar se os objetivos foram atingidos, possibilitando regulações interativas e integradoras. É necessário criar instrumentos de avaliação variados para níveis de conhecimentos diversos e saber lidar com a heterogeneidade das aprendizagens, respeitando os percursos distintos e diferenciando o atendimento, instrumentos e encaminhamentos.

Para isso é imprescindível pensar: o que os meus alunos já sabem sobre a escrita? O que ainda não sabem? O que devo ensinar? De que ponto meu trabalho deve partir? Que metas de ensino e aprendizagem devem almejar? Como avaliar cada habilidade, competência ou conteúdo?

Conforme os encontros de formação foram acontecendo e as temáticas agregando-se às discussões, evidenciaram-se justamente a importância do planejamento das atividades, da organização do trabalho, da previsão do tempo pedagógico e da construção de rotinas no sentido de promover o atendimento e a formação das crianças em alfabetização. Para isso, foram lançados alguns questionamentos: por que devemos planejar o ensino da alfabetização? Como planejar o trabalho com a alfabetização de forma a contemplar os diferentes eixos de ensino da língua? Como organizar o tempo escolar? Como construir uma rotina que venha a favorecer a aprendizagem dos nossos alunos? Como planejar e organizar o trabalho pedagógico utilizando-se dos diversos materiais e recursos disponíveis para o ciclo de alfabetização nas escolas?

Diante desses questionamentos que nortearam os encontros de formação e, considerando a participação efetiva dos alfabetizadores constatou-se que o planejamento escolar é um processo de racionalização, organização e coordenação da atividade do professor, que articula o

que acontece dentro da escola com o contexto em que ela se insere. Trata-se de um processo de reflexão crítica a respeito das ações e opções ao alcance do professor. Por isso a ideia de planejar necessita estar sempre presente e fazer parte de todas as atividades do professor alfabetizador; senão prevalecerão rumos estabelecidos em contextos estranhos à escola e ou ao professor.

Conclui-se, portanto, que planejar requer do professor, ser um pesquisador, criativo na elaboração da sua aula, estabelecendo prioridades e limites para acolher a criança e sua realidade. Para um planejamento efetivo consideram-se as características e necessidades de aprendizagem dos alunos; os objetivos educacionais da escola e seu projeto pedagógico; o conteúdo de cada ano; os objetivos e seu compromisso pessoal com o ensino; as condições objetivas de trabalho. Com base nisso, considerando que todo planejamento poderá ser flexível para replanejar sempre que necessário, abrange: o que vai ensinar; como vai ensinar; quando vai ensinar; o que, como e quando avaliar.

Outra temática amplamente discutida na formação em questão foi o entendimento do que viriam a ser rotinas, sequências didáticas e projetos didáticos. Os estudos permitiram refletir sobre a organização e sua importância para um bom trabalho na sala de aula. Algumas questões nortearam a discussão: é importante ter uma rotina? O que devemos contemplar em uma rotina de alfabetização?

A partir da discussão em grupo e leitura dos textos sugeridos no caderno de formação, constatou-se que o grupo de professores compreendem a importância de se ter uma rotina e que contemplem os quatro eixos da linguagem: leitura, produção de textos escritos, oralidade análise linguística, de modo integrado aos diferentes componentes curriculares, atendendo aos princípios didáticos.

Para a organização dos projetos e sequências didáticas, é importante estabelecer critérios de análise, tais como os utilizados para verificar se: a temática é pertinente à turma? O projeto apresenta um problema? A apresentação contempla as ideias gerais do projeto? Os argumentos que justificam a realização do projeto estão claros e articulados com a temática proposta? Os objetivos gerais e específicos são apresentados com clareza?

Na organização das atividades que contemplam a rotina escolar, é imprescindível pensar em: quais os objetivos da atividade? O que o aluno já sabe e o que pode aprender com a atividade? Como deve ser a organização da sala ou do grupo? Para que nível de escrita é mais produtiva a atividade? Como posso intervir durante e após a atividade? Como será a sequência e a regularidade da atividade?

Para a organização das atividades em sala de aula no atendimento à diversidade é importante considerar: Como podemos organizar as atividades necessárias para cada turma dentro da rotina diária e semanal? Os alunos se alfabetizam só pela leitura de textos? É preciso reservar tempo na rotina para ensinar linguagem oral? Que unidades linguísticas devemos/podemos explorar em sala de aula? Como podemos fazer essa sistematização? Com que regularidade? Para desenvolver a compreensão da leitura e da produção textual, precisamos refletir sobre os gêneros textuais ou basta promover situações de leitura e de produção de textos?

Para isso, entendeu-se também que é fundamental planejar o ensino, variar os modos de organização do trabalho pedagógico criar as rotinas escolares. Todos esses aspectos oferecem uma maior segurança na condução dos trabalhos, tanto para o professor alfabetizador como para a criança. Enfim, as fronteiras do tempo e espaço podem ser rompidas em planejamentos mais flexíveis, contanto, que se tenha clareza do que se deve ensinar, considerando as necessidades, conhecimentos e anseios das crianças.

A organização da rotina escolar, sendo um momento de escolhas e decisões didáticas e pedagógicas baseadas na reflexão sobre como agir e sobre suas possibilidades, estabelece um avanço no processo de ensino que proporciona a progressão na aprendizagem a cada ano. Portanto é de fundamental importância termos consciência sobre que se pretende ensinar em cada ano, ponderando cada etapa do ano letivo, e considerando cada eixo do componente curricular da língua portuguesa visando atender a cada criança em seu processo de aprendizagem.

Diante do exposto, fica evidenciada a importância do professor alfabetizador conhecer os conteúdos e procedimentos de ensino, assim como o que seus alunos sabem sobre determinados conteúdos, para que possa planejar atividades que os façam evoluir em suas aprendizagens, na interação com o docente e com os pares em sala de aula. Nessas perspectivas, a organização do trabalho pedagógico precisa envolver um conjunto de procedimentos que, intencionalmente, devem ser planejados para serem executados durante certo período de tempo, tomando como referência as práticas sociais e culturais dos sujeitos envolvidos, suas experiências e conhecimentos.

Através da organização das rotinas podemos conduzir melhor a aula prevendo dificuldades dos alunos, organizando o tempo de forma mais sistemática, flexibilizando as estratégias de ensino e avaliando os resultados atingidos. A organização das aprendizagens na rotina deve priorizar a importância das atividades permanentes e dos jogos na alfabetização como atividades diárias que proporcionam reflexões sobre o Sistema de Escrita Alfabética, contemplando diferentes unidades linguísticas.

Durante o momento de socialização das atividades na formação, constatou-se que todos os alfabetizadores fazem a sua rotina semanal e que ela é fundamental para garantir o bom andamento das atividades. Torna-se claro, que o professor alfabetizador que tem o domínio de sua ação didática, que tem consciência das possibilidades e limites dos seus alunos, é aquele que é “capaz de considerar a realidade da criança, que defende a necessidade de voltar-se diariamente para o já feito e de reorganizar a rotina, de modo a adequá-la a cada realidade”. (BRASIL. 2012, p.06).

É importante ressaltar que o trabalho de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético perpassa todo o trabalho do dia-a-dia do professor alfabetizador, desde as primeiras atividades do dia, até o momento de encerramento da aula, contemplando várias áreas de conhecimento.

Sendo assim, os professores alfabetizadores sentiram necessidade de estabelecer metas para cada ano letivo, de maneira ampla, porém resumida, determinaram que o 1º ano tem como foco de atenção os diálogos entre os diferentes componentes curriculares, visando a integração entre os mesmos, bem como o papel, dos diferentes eixos de ensino da língua na apropriação de

conhecimentos relacionados às distintas áreas do saber. Refletir sobre formas de organização do trabalho pedagógico especialmente sobre projetos e sequências didáticas na alfabetização.

Já para o 2º ano, ter como principal função a reflexão sobre o planejamento de ensino, na busca por garantir a alfabetização das crianças na perspectiva do letramento e da integração entre diferentes componentes curriculares. O debate se dá em torno dos projetos didáticos e as sequências didáticas na alfabetização como formas de organização do trabalho pedagógico. E o 3º ano tem como principal desafio conhecer, discutir e perceber as possibilidades de práticas pedagógicas. O foco se dá na área da linguagem, concretizada nos diferentes gêneros textuais.

Portanto, esclarecido e acordado com o grupo de alfabetizadores que ainda no primeiro ano da escolarização obrigatória, os professores alfabetizadores precisam considerar os direitos de aprendizagem conforme os níveis de aprofundamento, dependendo do ano de escolarização (iniciar, aprofundar e consolidar). Dentre alguns conhecimentos convencionais, que são necessários ainda no primeiro ano de escolarização citamos, compreender que as palavras são escritas com letras e que há variação na sua ordem, contar oralmente as sílabas das palavras e compará-las quanto ao tamanho, perceber as semelhanças sonoras iniciais e finais, reconhecer que as sílabas variam quanto a sua composição, além de perceber que as vogais estão presentes em todas as sílabas. Para que tudo isso seja possível, é necessário que o professor seja um mediador da aprendizagem, e para isso necessita planejar boas situações didáticas, selecionando e ou criando bons recursos didáticos.

Durante as socializações das atividades práticas que os professores alfabetizadores desenvolveram com as crianças, constatou-se que os professores desenvolveram excelentes atividades com os seus alunos. Além disso, essa formação tem proporcionado momentos de trocas, de novas ideias e sugestões de desenvolver os conteúdos pedagógicos. Percebeu-se que os professores estão considerando os eixos da língua portuguesa e estendendo-os para outras áreas de conhecimento.

Em todo esse processo o professor alfabetizador deve ser um mediador, facilitador indispensável no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética. A necessidade de obter um diagnóstico sobre o que a criança que chega ao 3º ano, já sabe sobre a escrita e o que ainda precisa saber para que possa desenvolver uma metodologia de ensino para propiciar o avanço de sua aprendizagem, determina-se o foco maior do ensino será o de garantir os processos de consolidação da alfabetização no sentido de que a criança, ao dominar o SEA, seja capaz de produzir e ler com autonomia textos de gêneros distintos.

Nesse sentido, é um direito do aluno produzir e compreender gêneros textuais diversos de acordo com a exigência da situação comunicativa. Para que esse direito seja atingido é necessário que as crianças possam ter contato com a diversidade de gêneros de tipologias distintas ao longo da sua escolaridade. Os gêneros textuais, segundo Schneuwly e Dolz (2004), são instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais, historicamente mutáveis e, conseqüentemente, relativamente estáveis. Emergem em diferentes domínios discursivos e se concretizam em textos, que são singulares.

No caderno de formação da Unidade 5 – ano 2, p.08, Koch e Elias (2009) destacam

que os gêneros textuais são diversos e sofrem variações na sua constituição em função dos seus usos. Explicando essa dinâmica de ampliação dos gêneros, as autoras apresentam como exemplos o e-mail e o blog que, como recursos recentes decorrentes do progresso tecnológico, são respectivamente transmutações das cartas e dos diários. Portanto, o grande desafio para o ensino da língua portuguesa é trabalhar com essa diversidade textual na sala de aula, explorando de forma aprofundada o que é peculiar a um gênero textual específico, tendo em vista situações de uso também diversas. Com essa discussão teórica acerca do conceito de gênero textual, procuramos fornecer ao professor elementos que lhe permitam criar situações de ensino que favoreçam o processo do alfabetizar letrando. Salientamos, no entanto, que é preciso tomar alguns cuidados, escolhendo os textos a serem lidos, considerando-se não apenas os gêneros a que pertencem, mas, sobretudo, o seu conteúdo (o que é dito), em relação aos temas trabalhados.

O objetivo da escola seria garantir a apropriação pelos alunos das práticas de linguagem instauradas na sociedade, para que eles possam ter participação social efetiva. A imersão dos alunos nas práticas de linguagem contribui para a sua apropriação, porém, acreditamos que é preciso ir além das vivências. É necessário um trabalho progressivo e aprofundado com os gêneros textuais orais e escrito, envolvendo situações em que essa exploração faça sentido.

Com base na retomada de alguns conceitos que fazem parte do repertório da formação do PNAIC, constatou-se que os professores alfabetizadores são entendidos como partícipes de todo processo escolar. Contudo, a importância de se ter um currículo que contemple todas as áreas de conhecimento, garantindo a necessidade de todas as crianças terem acesso a esse conhecimento e avancarem em suas aprendizagens, seria uma alternativa para o resgate das defasagens. Para isso, o professor alfabetizador precisa estar ciente e considerar que cada criança tem o seu contexto social, cultural e individual e ainda, a partir dessa realidade, desempenhar sua função a fim de garantir o direito à leitura e à escrita até o 3º ano do ensino fundamental.

Considerando os encontros de formação ocorridos no ano letivo de 2013, e com a intenção de orientar decisões para a formação do ano seguinte, foi elaborado um questionário com 5 questões abertas que tinham por objetivo compreender as percepções dos professores alfabetizadores sobre a formação continuada do PNAIC. Além disso, questionamos como esse curso contribuiu para a sua formação; se esse curso causou algum impacto na sua prática e quais foram as principais mudanças observadas na sua prática; quais temáticas gostariam que fossem tratadas na continuidade dessa formação; que avaliassem a sua participação e contribuição nos encontros de formação do PNAIC; e por fim, que fizessem uma avaliação em relação à orientadora de estudos. Todos os professores alfabetizadores participaram desse momento de avaliação, contribuindo com as suas considerações sobre a formação, que foram analisados por nós e serão descritos a seguir.

Percepções sobre a formação. Com a palavra, os alfabetizadores

A análise das respostas do questionário será apresentada pontuando cada uma das questões na ordem que foram organizadas.

A primeira questão apresentada solicitava que os professores alfabetizadores relatassem

como os encontros do PNAIC contribuíram para a sua formação profissional. É notório o relato de satisfação com a formação do PNAIC que tem contribuído muito na formação pessoal e profissional do professor alfabetizador. Entre as variadas dinâmicas utilizadas na formação, destacam-se alguns, tais como, as trocas de experiências que foram compartilhadas, reflexão da teoria relacionando às atividades práticas, metodologias variadas, trabalhos em grupo e individuais, muita leitura e produção escrita.

Também relatam que ser um bom ouvinte e tomar atitudes, a partir de novos olhares e conceitos sobre a teoria e prática de alfabetização proporcionado a partir das sugestões de jogos e atividades desenvolvidas na formação, possibilitou o resgate de variadas metodologias para a aprendizagem que se usava no passado assim como, de muitas novas técnicas de ensino e aprendizagem.

Destacaram que a formação aprofundou temas e assuntos relevantes e pertinentes para a alfabetização, melhorando a prática pedagógica do professor alfabetizador, tornando-os um mediador mais próximo do aluno. Fez com que voltassem a escrever e relatar a prática em sala de aula confrontando com a teoria. Contribuiu para abrir e ampliar o “leque” de metodologias, atitudes e maneiras de fazer educação.

A segunda questão apresentada refere-se a algum impacto que esse curso causou na sua prática pedagógica. Todos os alfabetizadores relataram que o curso causou várias mudanças entre as quais se destaca: a superação de saber que se pode fazer muito além do que se imaginava, isso se deve as atividades diferentes que precisamos elaborar e aplicar com os alunos em sala de aula; o querer saber, estar aberto para aprender para realizar cada vez mais um bom trabalho, também é marcante nos relatos dos professores alfabetizadores.

O grande impacto da formação foi o trabalho desenvolvido sobre a temática “ludicidade”. As atividades como jogo, fez com que as aulas dos alfabetizadores trouxessem resultados positivos em relação ao processo da alfabetização. Os alunos estão mais motivados e interessados em querer aprender. A aprendizagem se torna mais prazerosa tornando-se mais fácil a compreensão e o entendimento das crianças.

Alguns professores alfabetizadores relataram que tiveram que repensar a rotina, o planejamento das aulas, a escolha dos conteúdos, o ensinar e avaliar, assim como o melhor aproveitamento dos recursos didáticos disponíveis nas escolas. Outros relataram que o curso proporcionou a criação de instrumentos, formas, metodologias e meios diferentes de contar histórias. Desafiou os alfabetizadores a registrarem “escreverem a sua prática pedagógica”. Criar estratégias diferentes para aqueles alunos com dificuldades de aprendizagem.

As principais mudanças observadas na prática pedagógica dos alfabetizadores é que a ludicidade, o jogo está fazendo parte na aprendizagem do educando, além disso, a literatura também ganhou maior espaço nas salas de aula, desde o cantinho de leitura, o uso dos diferentes gêneros e a própria contação, dramatização de histórias.

Outra mudança relatada refere-se ao professor ser um grande observador e mediador do educando, partir do conhecimento do aluno para trabalhar e consolidar o processo da alfabetização. Aulas mais dinâmicas, envolvimento, participação e comprometimento tanto do aluno como do professor e demais colegas alfabetizadores.

Quanto às opiniões dos alfabetizadores em relação a quais temáticas que eles gostariam que fossem tratadas num próximo curso de formação continuada foram as seguintes: a produção, interpretação e estruturação textual em cada série, técnicas de interpretação, a expressão corporal para contação de histórias, confecção de materiais didáticos (jogos), contos e fábulas, ludicidade, música, canto, geometria, frações, números e operações, motivação para os alunos desmotivados e formação para as outras áreas de conhecimento. Diante da diversidade de temáticas sugeridas pelos alfabetizadores, só demonstra que este grupo mantém interesse em continuar se aperfeiçoando para ensinar cada vez mais e melhor, inclusive sinalizando a temática da formação do PNAIC de 2014, cujo foco será na matemática.

A avaliação que os alfabetizadores fizeram em relação a sua contribuição nos encontros de formação foi muito positiva, pois relatam que tiveram uma excelente assiduidade, fizeram todas as atividades propostas no curso, aprimoraram a sua prática pedagógica, buscaram recursos e materiais diferentes para trabalhar com os alunos, principalmente a confecção de jogos. A formação trouxe crescimento e conhecimento pessoal e profissional. Todo esforço e dedicação trazem vantagens educacionais, todos se sentem felizes e realizados pela contribuição e atuação na formação. Algumas relataram que mesmo estando cansado fisicamente (pois os encontros de formação aconteciam à noite) ainda deram a sua grande participação nas discussões.

No que se refere à avaliação da orientadora de estudos, os alfabetizadores consideraram que a mesma desenvolveu um ótimo trabalho de formação. Muito dedicada, esforçada, organizada, empenhada, preocupada, comprometida e convicta no que fala e apresenta. Contribuiu muito para facilitar o entendimento dos textos, da realização das atividades, sempre sugerindo e trazendo algo diferente.

Preparou muito bem os encontros, foi clara e precisa em suas colocações e acompanhou sempre que pode os trabalhos em sala de aula dos alfabetizadores. Mandava e-mails com sugestões de textos, jogos, histórias e sites educativos que pudessem contribuir para melhorar e aprofundar as temáticas em estudo. Seu papel foi fundamental para a formação, pois sempre foi bem flexível e exigente nos trabalhos aplicados em sala de aula, bem como, os relatórios feitos. Sempre estava disposta a ajudar e a motivar seus alfabetizadores a buscar sempre mais.

Considerações Finais

A formação do PNAIC tem demonstrado ser de fundamental importância para os educadores, pois a partir da reflexividade, tem facilitado as trocas de experiências entre os professores tornando a aula mais atrativa, criativa, fazendo a diferença na sala de aula. As discussões trouxeram reflexão sobre a prática pedagógica, o objetivo da avaliação diagnóstica acerca das capacidades e potencialidades dos alunos e sobre os direitos de aprendizagem que precisam ser garantidos a todas as crianças. Os professores avaliaram os encontros como gratificantes e positivos para o desenvolvimento do seu trabalho.

Reconhecemos o desempenho, dedicação, comprometimento e responsabilidade com que os alfabetizadores, orientadora de estudo e a formadora do PNAIC assumiram a formação

continuada, foi um momento de muitas trocas, leituras, discussões, emoções, experiências, desafios e tem proporcionado pesquisas relevantes.

Os textos lidos e socializados oportunizaram várias reflexões importantes da importância de registrar, refletir, observar a prática de alfabetização e de avaliação do processo ensino aprendizagem. Além disso, proporcionou uma discussão sobre os ciclos de aprendizagem deixando bem claro nos cadernos de estudo que os três anos iniciais são considerados ciclos de alfabetização, e que, em cada ano existem etapas de iniciar, aprofundar e consolidar a aprendizagem das crianças.

Fica explícito que há um comprometimento de todos os envolvidos no projeto uma vez que os mesmos foram evidenciados através das socializações das experiências, nos depoimentos, nas visitas às escolas e nas respostas ao questionário. As atividades e temas desenvolvidos no curso proporcionaram ao professor uma mudança de atitude e prática em sala de aula. Finalizando o primeiro ano de formação, já é possível evidenciar o quanto a formação do PNAIC tem mobilizado os professores da educação básica.

O grupo de professores alfabetizadores está de parabéns pelos excelentes trabalhos desenvolvidos em sala de aula e socializados nos encontros. Todos os professores tiveram que se desafiar e melhorar a sua prática pedagógica, os frutos desse trabalho estarão colhendo no futuro, pois quem ganha com isso são os alunos, que estão sendo alfabetizados em sua totalidade.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento: ano 2: unidade 6 / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula: ano 2: unidade 5 / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB, 2012.

DOLZ, Joaquim, SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.